

- em estudo. Tese de Doutorado. Campinas: UNICAMP, 2001.
- CAVALCANTI, M.C. A propósito de Lingüística Aplicada. *Revista Trabalhos em Lingüística Aplicada*, vol. 7, 1986.
- KFOURI-KANEOYA, M.L.C. O professor reflexivo: uma proposta de encaminhamento à conscientização pedagógica contínua de professores atuantes em um centro de línguas do interior paulista. In CONSOLLO, D.A. e VIEIRA-ABRAHÃO, M.H. (Orgs.) *Pesquisas em Lingüística Aplicada. Ensino e Aprendizagem de Língua Estrangeira*. São Paulo: Editora da UNESP, 2004.
- MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO (BRASIL) *Parâmetros Curriculares Nacionais – Língua Estrangeira*. Brasília: 1996.
- NÓVOA, A. (Org.) *Os Professores e a sua Formação*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1997.
- PERRENOUD, P. *A Prática Reflexiva no Ofício de Professor*. Porto Alegre: Artmed, 2002.
- PRABHU, N.S. Communication - a Help or Hindrance to Language Learning? In: *English Teaching Professional*, vol. 4, January 2003.
- SCHÖN, D. A. Formar Professores como Profissionais Reflexivos. In: NÓVOA, A. (Org.) *Os Professores e a Sua Formação*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1997.
- SILVA, V. L. T. *Fluência oral: imaginário, construído e realidade num curso de Letras/LE*. Tese de Doutorado. Campinas: UNICAMP, 2000.
- VIEIRA-ABRAHÃO, M.H. Conflitos e incertezas do professor de língua estrangeira na renovação da sua prática de sala de aula. Tese de Doutorado. Campinas, Unicamp, 1996.
- (Org.) *Prática de Ensino de Língua Estrangeira: Experiências e Reflexões*. Campinas: Artélingua e Pontes Editores, 2004.
- WILKINS, D.A. *Notional Syllabuses*. Londres: Longman, 1976.
- ZEICHNER, K. Novos caminhos para o *practicum*: uma perspectiva para os anos 90. In: NÓVOA, A. (Org.) *Os Professores e A Sua Formação*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1997.

O PAPEL DAS METÁFORAS NAS EXPRESSÕES IDIOMÁTICAS

Maria Luisa Ortiz Alvarez
Universidade de Brasília (UnB)

As metáforas não ficam presas à língua em que nascem. Quando são justas e surpreendentes, elas viajam de idioma a idioma e se tornam patrimônio do gênero humano.
(Bréal, M.)

Resumo: A relação metafórica já foi descrita como comparação, contraste, analogia, similaridade, justaposição, colisão, fusão, etc. além de ter recebido diferentes interpretações quanto à sua natureza, operação e função. Partindo do pressuposto de que a metáfora é um aspecto indispensável ao funcionamento da linguagem e do pensamento e tomando como parâmetro a teoria conceitual de Lakoff & Johnson, exploramos neste trabalho algumas representações sistematizadas conceitualmente em expressões metafóricas do Português do Brasil e do Espanhol de Cuba. Com isso estaremos procurando nortear a análise para o processo de dessemantização que ocorre quando as palavras que compõem a unidade fraseológica se metatizam perdendo a função nominativa característica de cada uma delas quando tomadas separadamente. Neste trabalho pretendemos de maneira sucinta tecer comentários sobre a maneira como alguns pesquisadores têm tratado a questão da cognição metafórica, e, especialmente, mostrar o papel da metáfora na construção de sentido das expressões idiomáticas metafóricas.
Palavras-chave: metáfora; expressões idiomáticas; linguagem; pensamento.

Abstract: The metaphoric relation has already been described as comparison, contrast, analogy, similarity, juxtaposition, collision, fusion etc., besides the fact of having received different interpretations vis-a-vis its nature, operation, and function. Considering that the metaphor is indispensable to the functioning of language and thought, and taking as parameter Lakoff & Johnson's conceptual theory, we will explore in this work some representations conceptually systematized in Portuguese and Spanish metaphorized expressions. With this we will be trying to orient the analysis towards the process of dissemantization which takes place when the words composing a phrasal unity undergo a metaphoric process, losing the nominative characteristic function they have when considered separately. In this study we also intend to make brief comments on the other scholars' approaches of metaphoric cognition issues, and specially to show the role of metaphor in the construction of meaning in idiomatic metaphoric expressions..

Introdução

É extremamente difícil definir o que é metáfora, pois tal definição depende, em grande parte, da diversidade de perspectivas teóricas existentes neste domínio (Ortony, 1993) e pela complexidade do fenômeno em si. Dependendo da tradição cultural, da época e do teórico que a utiliza, a metáfora pode mudar seus limites, sua forma, seu sentido. Por essa razão serão apresentadas aqui algumas teorias que a ela se referem, na tentativa de demonstrar as dificuldades e ambigüidades de sua análise. Começemos, pois, pela definição mais tradicional. A metáfora (do gr. *Metaphora*, pelo lat. *Metaphora*) pode ser considerada como uma figura de linguagem, cuja palavra ou expressão, sendo deslocada de seu contexto original, assume um novo significado (figurado ou simbólico) em virtude de uma analogia real ou suposta na referência, de uma relação de semelhança subentendida que é resultado da imaginação, da subjetividade de quem cria a metáfora.

Aristóteles (1457) conceitua a metáfora como transposição a uma coisa do nome de outra, através do gênero para a espécie, ou da espécie para o gênero ou da espécie de uma para a espécie de outra, ou por analogia. Tal definição talvez manifeste a preocupação do filósofo com a sua famosa teoria do conceito dando à metáfora um lugar dentro da hierarquia de gêneros e espécies, mas esquecendo os efeitos estéticos da transposição. Assim, a metáfora, segundo a visão aristotélica, é um desvio da linguagem usual e própria de linguagens especiais como a

poética e a persuasiva. Seguindo o raciocínio, o literal seria próprio da linguagem da ciência, porque não é ambíguo, ao contrário: é claro, distinto e preciso. Dessa forma, a ciência é razão e a poesia é imaginação (metáfora), dicotomia fortemente criticada por Lakoff & Johnson no livro *Metaphors we live by* (1980). Os autores questionaram o dogma retórico da metáfora, principalmente no que diz respeito à ausência de valor cognitivo e determinação do significado.

A relação metafórica já foi descrita como comparação, contraste, analogia, similaridade, justaposição, colisão, fusão, etc. além de ter-se dado diferentes interpretações quanto à sua natureza, operação e função. Assim, por exemplo, ao dizer o homem é um leão ou o homem é uma víbora a propriedade característica do animal (leão, víbora) se transfere ao homem, ou seja, o leão é corajoso, a víbora é animal ruim, portanto, o homem passa a ter essa característica. Por outro lado, chamar o leão de corajoso de certa forma seria transferir uma característica humana para esse animal, uma vez que ter coragem pressupõe um ato consciente ante uma situação de perigo e, como todos sabemos, o leão só segue instintos. A metáfora, nesse caso, não se restringe à palavra, mas assume seu valor no contexto, ou seja, ela passa a ser considerada como resultado de uma interação entre o termo metafórico e as outras unidades que estão presentes na frase. No caso do exemplo, o homem é uma víbora, a característica é de uma pessoa de má índole ou de mau gênio, ruim. No final do século XIX e início do século XX a metáfora passa a ser alvo das pesquisas de estudiosos da

linguagem. Alguns teóricos, dentre eles Black, Searle e Ricoeur se distinguem e se diferenciam. O primeiro pela ênfase semântica, o segundo pela pragmática e o terceiro pela imaginativa. Estes três autores criaram um modelo interacional, argumentando que a metáfora é resultado de uma interação e não de uma comparação entre os seus termos. Segundo eles, ela está além de nível lexical. A teoria da interação engloba o valor do co-texto, passando a entender a metáfora como fenômeno co-textual e contextual que se dá entre um termo figurado e o resto da frase, como entre a metáfora e o seu contexto. Proppitté & Dirven (1985 apud Steen, 1994) também consideram que a metáfora é um dos processos mais gerais de interação humana com a realidade e acreditam na sua importância na construção do mundo conceitual e das suas leis.

Steen (1994) desenvolveu uma pesquisa de natureza qualitativa que, ao contrário das pesquisas empíricas realizadas por psicólogos cognitivistas que investigavam os processos de interpretação das metáforas (pesquisas quantitativas, positivistas), tinha como objetivo o desenvolvimento de uma teoria derivada de pesquisa empírica que observava evidências do processamento de metáforas em textos literários, relacionando o tipo de processamento com a função específica da metáfora na literatura. O autor utiliza os protocolos verbais como instrumento de pesquisa para verificar o processo de compreensão on line e discute a questão da pluralidade de leituras.

Max Black (1962) em sua obra *Modelos y Metáforas* já fazia referência ao caráter cognitivo da metáfora, pois elas seriam instrumentos

que nos ajudam a ver novos aspectos da realidade que elas mesmas criam. Este argumento, que aponta para a idéia de que algo novo é criado quando se dá a compreensão da metáfora é, em parte, uma questão empírica, pois apenas através de pesquisas com indivíduos reais poderia ser determinado o que é novo para cada um. O autor coloca uma série de perguntas em torno da metáfora começando por uma pergunta mais geral (O que queremos dizer com metáfora?) e procura responder esta questão a partir de alguns pontos essenciais:

- Quando falamos de uma metáfora relativamente simples nos referimos a uma oração ou expressão em que algumas palavras são usadas metaforicamente e outras não. O foco é a palavra empregada metaforicamente e o marco, as palavras restantes;
- É necessário saber quem usa a expressão metafórica, em que ocasiões e com que intenção, para poder reconhecê-la e interpretá-la. O autor considera como enfoque substitutivo da metáfora qualquer tese que defenda as expressões metafóricas utilizadas no lugar de outras expressões literais equivalentes a elas;
- Uma das explicitações mais clássicas da metáfora é a que a considera como ornamento, tornando seu uso em um desvio do estilo plano e estritamente apropriado. O autor chama de enfoque comparativo da metáfora aquele que admite que a função transformadora, característica da metáfora, é a analogia ou a semelhança, como observamos nos

exemplos acima, e a presença do 'como' é subjacente.

- Até que ponto a metáfora pode ser considerada criadora. Nesse sentido, o fato de as metáforas criarem novas associações através de mudanças de significados lexicais depende da forma como se concebe as noções de 'criar associações' e de 'mudança de significado lexical'. Para Black a questão central é que a metáfora cria 'algo novo', porém o principal contra-argumento a essa teoria é que novas associações podem ser produzidas por metáforas, mas também por outros meios (cf. Ortony, op. cit.).

• Enfoque interacionista da metáfora conforme Max Black, "(...) quando utilizamos uma metáfora temos dois pensamentos sobre coisas distintas em atividade simultânea e apoiada por uma palavra ou frase, cujo significado é uma resultante de sua interação. Elas exigem que o leitor utilize um sistema de implicações. O que interessa aqui é o fato de que uma mesma afirmação metafórica pode receber leituras diferentes e conflitantes, dificultando qualquer tentativa de ser mais preciso acerca dos critérios de identificação e individualização dessas afirmações metafóricas." Lakoff & Johnson (1980) acreditam que as metáforas seguem o princípio da invariabilidade, segundo o qual o mapeamento metafórico (ou a compreensão da metáfora) pode apenas projetar padrões de inferências do domínio-fonte sobre o domínio-alvo de uma forma consistente e coerente com a estrutura inerente ao domínio-alvo.

A partir do trabalho de Black (1962), a teoria interacionista se firmou como uma evolução em relação à teoria comparatista. O que mais interessa na teoria interativa e semântica de Black é a inescapável indeterminação na noção de uma dada afirmação metafórica, na medida em que nós consideramos o que ela traz como uma parte de sua essência. Uma mesma afirmação metafórica pode receber leituras diferentes e conflitantes, dificultando qualquer tentativa de ser mais preciso com relação aos critérios de identificação e individualização das afirmações metafóricas.

Assim, aos poucos, a pesquisa sobre a metáfora foi avançando na área de Linguística, embora o envolvimento dos linguistas da área da Semântica com a teoria gerativo-transformacional desviara a sua atenção. Chomsky, por exemplo, incorpora os traços semânticos à sua teoria considerando a metáfora como uma violação das regras lexicais. Ullmann (1967) emprega conceitos linguísticos para explicar as figuras da linguagem. A metáfora, para ele, consiste na transferência de nome, por similitude de sentido, com uma estrutura básica formada por uma coisa de que falamos e aquela com que a comparamos.

Jakobson (1963), seguindo a linha de Ullmann, traz o tema da metáfora para a área da Linguística partindo das dicotomias *langue/parole* e *sintagma/paradigma* propostos por Saussure. O autor estuda a linguagem a partir de duas operações fundamentais: 1) a seleção; 2) a combinação. Segundo esta teoria, o falante para se comunicar selecciona, no código linguístico, palavras e formas sintáticas, combinando-as para,

assim, formar uma frase, ou seja, ele faz a sua escolha a partir de paradigmas ou modelos que a própria língua lhe fornece. No caso da combinação, ela é feita no eixo sintagmático, isto é, as palavras escolhidas são combinadas estabelecendo relações entre si. Contudo, as pesquisas da época pouco contribuíram para o estudo da metáfora. O autor postula que a linguagem tem seis funções, a saber: 1) emotiva; 2) conativa; 3) fática; 4) referencial; 5) poética; e 6) metalinguística. Jakobson seleciona duas delas, a emotiva e a conativa que, segundo ele, são as que determinam as motivações essenciais da metáfora. A primeira, centrada no destinador (emotiva) e a segunda, centrada no destinatário (conativa), motivam o mecanismo da metáfora, pois se dedicam a expressar uma emoção ou sentimento, firmando-se numa base puramente subjetiva.

Em "As motivações da metáfora" (capítulo sétimo de *Le Guerre*, 1973:67) há uma reflexão sobre a natureza da metáfora e da linguagem. Em primeiro lugar, situam-se as duas em oposição à lógica: enquanto a linguagem, que serve para transmitir informação, é lógica, a metáfora não é. Assim, se opte, de uma certa forma, ao funcionamento habitual da linguagem. Pelo fato de a metáfora ser considerada como ruptura com a lógica, ela pode ser mal-interpretada pelo destinatário da mensagem que a contém. Ela constitui, portanto, um desvio sensível em relação à idéia que se faz desse funcionamento habitual. A metáfora pode suprir uma denominação na ausência de um termo próprio, isto é, daria nome às realidades que não têm um termo próprio para designá-las.

Toda essa problemática, segundo o autor, aponta para a necessidade de se reavaliar as funções da linguagem propostas por Jakobson, contrárias às propostas da retórica clássica, e analisar o papel da metáfora dentro dessas funções, assim como as suas motivações.

É precisamente a partir dos anos 70 que o forte questionamento acerca do conceito de objetividade desse paradigma levou a uma nova visão sobre a metáfora, que faz com que recupere, segundo Dasca, (1992, apud Zanotto 1995) a sua dignidade cognitiva que havia sido roubada pelos positivistas e por outros vilões.

Stiene (apud Reisz, 1977:54) afirma que a metáfora pode ser definida, de maneira geral, como uma forma regrada de anomalia semântica que se produz quando um lexema é usado fora das normas de uso. O emprego de um lexema está determinado pelo uso de outros lexemas que estão relacionados entre si, de tal forma que criam um contexto em cujo segmento vazio entra esse lexema. O segmento que corresponde à metáfora vai designar, em princípio, uma quebra da isotopia do discurso. Assim, no uso metafórico podem-se produzir relações sintáticas que permitem afirmar algo impossível se tomarmos o significado das palavras no sentido usual.

Searle (1979/1993) considera importante investigar os mecanismos pelos quais o significado de uma sentença pode ser relacionado à intenção do falante. Segundo ele, o falante, ao usar uma metáfora, pretende veicular apenas o significado indireto, enquanto

que não ato indireto de fala, o falante veicula tanto o significado indireto, quanto o significado da sentença.

Segundo Searle, a maior diferença entre a abordagem comparatista e a abordagem interativa e pragmática da metáfora é que a primeira implica uma comparação entre dois ou mais objetos, enquanto na segunda a similaridade, quando está presente, funciona como estratégia de compreensão. A potencialidade da intenção metafórica residiria no falante (autor) e seria detectada, ou não, pelo ouvinte (leitor). Para Searle, as metáforas são sistemáticas e restritas; restritas no sentido de que nem todas as formas pelas quais algo nos lembra outra coisa proporcionam base para a metáfora; e sistemática no sentido de que as metáforas podem ser comunicáveis do falante ao ouvinte em virtude de um sistema partilhado de princípios (op. cit.: 102).

Há, porém, alguns pontos no modelo de Searle que precisam ser analisados. Em primeiro lugar, o autor não estabelece uma distinção entre linguagem literal e linguagem metafórica, sendo que a sua abordagem pragmática está ligada a um modelo de estágios segundo o qual o leitor primeiro percebe uma tensão e, depois, procura explicitá-la, descobrindo o desvio causado pela metáfora. Lakoff (1993) alega que a explicação só poderia ser dada através de um sistema de metáforas convencionais e crítica a concepção de significado literal de Searle que exclui todos os exemplos de metáforas convencionais.

O desenvolvimento de teorias que levaram, mais tarde, ao estabelecimento

da visão cognitiva da metáfora despertou o interesse pela linguagem figurada e ganhou um novo impulso. Foi, como apontara Honeck (1980, apud Zanotto 1995), uma verdadeiro renascimento, pois praticamente em todas as áreas surgiram novas discussões sobre a definição e os processos envolvidos na sua criação e compreensão. Haskell (1987) inclusive falava de abertura de uma nova era quando afirma:

A crescente publicação de volumes sobre a metáfora nos anos recentes, junto com a organização de congressos dedicados a discutir este tema marca o início de uma nova era e o fim de uma velha.

O erro histórico tem sido o de considerar que a metáfora pertence ao domínio da linguagem. A nova era é a da metáfora como uma importante operação cognitiva (...).

Evidentemente, as discussões estavam voltadas para diferenciação da linguagem figurada da literal, isto é, a metáfora da não metáfora (Ricoeur, 1979; Ortony 1979; Davidson 1992; Niklas, 1992) e, essencialmente, para encontrar uma definição que permitisse distingui-la de outros atos de fala como, por exemplo, a ambigüidade.

Paul Ricoeur (1975) em sua obra *A metáfora Viva* reporta-se à clássica dicotomia sentido/representação e tenta estabelecer uma oposição à visão clássica da metáfora, embora o autor procure em Aristóteles a base para explicar o que chamou de função semântica da imaginação na expressão do sentido metafórico. Para Ricoeur, a metáfora não é mais incongruência literal, mas congruência metafórica entre dois campos semânticos. A semelhança desses campos consiste na

aproximação de idéias diferentes, e quem as aproxima parece ser a imaginação. O autor se propõe a aproximar a sua argumentação do conceito de Kant sobre imaginação como 'esquematização de uma operação sintética'. O papel da imaginação é produzir novos tipos através das semelhanças sem eliminar as diferenças, pois através da imaginação as semelhanças são percebidas. Ricoeur acredita que o sentimento estaria além do plano teórico das visões não cognitivas da metáfora. Assim, do ponto de vista do autor, o processo metafórico teria três pressuposições básicas: 1) a metáfora é um ato de predicação e não de denominação; 2) a noção de metáfora como desvio não resolve o aparecimento de uma nova congruência no nível predicativo; 3) a noção de referência dividida é essencial para o sentido metafórico.

Mas de todas as teorias que envolviam a metáfora como um novo paradigma a que verdadeiramente revolucionou os conceitos gerais relacionados com ela, desvinculando-a da relação linguagem metafórica versus linguagem literal, foi a teoria de Lakoff & Johnson (1980) através do modelo conceitual por eles criado.

Os autores afirmam que a linguagem comum das pessoas é constituída de metáforas linguísticas, que direcionam o pensamento humano e fazem parte da nossa vida diária, não apenas na linguagem, mas também no pensamento e na ação. Por outro lado, o sistema conceitual, segundo eles, é fundamentalmente metafórico por natureza, conforme se percebe no trecho seguinte:

A maioria das pessoas pensa que podem passar perfeitamente bem sem metáforas. Nós descobrimos que, ao contrário, a metáfora está infiltrada no pensamento e na ação. Nosso sistema conceitual comum, em termos do qual pensamos e agimos, é de natureza fundamentalmente metafórica...

Para esses autores a essência da metáfora é entender e experimentar uma coisa em termos de uma outra. O trabalho de Lakoff & Johnson muda o local da metáfora, transferindo-a da linguagem para o pensamento. O resultado dessa mudança de foco é que a metáfora é absolutamente central para uma semântica da linguagem natural comum e, além disso, o estudo da metáfora literária torna-se uma extensão do estudo da metáfora cotidiana (op. cit.: 203).

A partir da proposta de Lakoff & Johnson a metáfora teria a função de estruturar a maneira com que o falante percebe o mundo, lida com ele e se relaciona com outras pessoas. A metáfora linguística está, portanto, na linguagem conceitual que, por sua vez, é gerada a partir das experiências do homem com seu próprio corpo com relação ao ambiente físico e cultural em que vive. O papel basilar da linguagem seria, então, a estruturação do pensamento sobre o que se estrutura a comunicação, isto é, o que é colocado como básico é o aspecto da comunicação ou da cognição, sendo que a comunicação teria por base um sistema conceitual metafórico por natureza.

Lakoff credita a Reddy o papel de precursor da teoria contemporânea da metáfora, pois este último foi o primeiro a demonstrar, através de uma rigorosa

análise linguística, que nossos hábitos cognitivos refletem nossa compreensão metafórica da experiência. O autor partiu da tentativa de mostrar como a ideia de comunicação é concebida, metaforicamente.

Lakoff & Johnson (1980) afirmam que a concepção metafórica está muito ligada à cultura de uma pessoa, portanto o conceito variará de acordo com a cultura em foco. Partindo dessa observação podemos compreender o que eles denominam de metáforas orientacionais e metáforas ontológicas. As orientacionais não são arbitrárias, pois estão baseadas em nossa experiência física e cultural. Dentre os tipos de metáforas orientacionais citadas por Lakoff & Johnson (op.cit.) encontramos: para cima/para baixo, frente/costas. No caso das metáforas conceituais os autores observam diversas formas usadas por falantes de inglês para se referir a uma discussão, mas essas expressões também poderiam ser usadas para falar de guerra. Assim, eles acreditam que o próprio conceito de discussão está estruturado em termos de conceito de guerra. Por exemplo, Eles me bombardearam com seus argumentos, uma expressão metafórica que se baseia numa metáfora propriamente dita, chamada de metáfora conceitual, ou seja, o raciocínio metafórico implica a utilização de um conceito de um domínio da experiência (GUERRA) para que se entenda um outro domínio de experiência (o da DISCUSSÃO).

Lakoff & Turner (1989) advertem que ao estudar as metáforas é possível defrontar-se com a nossa mente e cultura, pois para compreender metáforas em textos poéticos é fundamental um

conhecimento anterior das metáforas convencionais. Esse entendimento inclui a descoberta da nossa visão de mundo, das restrições da nossa imaginação, e do fato de que as metáforas têm um papel imenso na formação da nossa compreensão dos eventos cotidianos.

Para MacCormac (1985) o processo conceitual metafórico produz novas hipóteses e novas expressões de experiência, e sugere novas possibilidades de percepção do mundo. Essa experiência se manifesta na língua através das metáforas convencionais que Lakoff & Johnson chamam de metáforas literais amplamente utilizadas na linguagem do cotidiano e que fazem parte do modo de pensar de uma comunidade linguística. Por exemplo, quando falamos do tempo em termos de dinheiro ganhar tempo, gastar tempo (mas não existe um banco para guardar o tempo, nem podemos devolver tempo). Também existe a expressão matar o tempo que substitui, no eixo paradigmático, um termo próprio por outro figurado.

Diante do que foi observado até agora, pode-se concluir que o grande valor do trabalho de Lakoff e Johnson está no fato de que analisam a metáfora não como um fenômeno específico da retórica ou de poética e sim como um problema da experiência humana, da experiência cotidiana do uso da língua, que estrutura o pensamento e a ação humana.

Desta maneira, como apontam Johnson & Malgady (1980) a metáfora não é um fenômeno de baixa frequência no discurso comum, mas é um componente dominante na linguagem que toda pessoa usa. A nossa percepção é construída em cima de nossos conceitos também como nossas ações

e nossas relações com outras pessoas. No entanto, nem sempre temos plena consciência de nosso sistema conceitual, e agimos e pensamos quase automaticamente.

Assume-se que as metáforas não são apenas cognitivas, mas discursivas e culturais. Foram feitas algumas críticas à teoria de Lakoff e Johnson, especialmente à falta de empiricidade na co-construção do sentido metafórico. Steen (1994), por exemplo, coloca que é necessário investigar qual a relação existente entre a linguagem enquanto sistema abstrato, os indivíduos falantes da língua e o conhecimento cultural. Lakoff e colaboradores privilegiavam a análise da estrutura linguística em detrimento do uso real da língua. A partir da discussão sobre metáfora linguística, feita por Lakoff & Johnson, Steen conclui pela necessidade de pesquisa sobre o uso de metáforas tanto do ponto de vista cultural quanto cognitivo. O autor analisa criticamente alguns aspectos do modelo cognitivo, tal como desenvolvido por Lakoff e colaboradores, em especial, no que diz respeito às hipóteses filosóficas sobre o fazer ciência cognitiva. Steen enfatiza o papel da literatura, enquanto contexto discursivo específico para o processo de compreensão de metáforas, pois nos textos literários as metáforas podem conter características apropriadas contextualmente que as distinguem de outras metáforas e ter efeito na natureza do processo da sua própria compreensão.

O mérito da teoria de Lakoff & Johnson está, indiscutivelmente, nessa virada cognitiva, embora Steen tenha

aprofundado e aperfeiçoado essa linha de pesquisa incorporando questões empíricas e discursivas. Ela pode ser considerada revolucionária em muitos aspectos. Nela mudam a natureza, a estrutura e outros aspectos da metáfora. Mais importante ainda é o fato de a metáfora ser considerada o principal instrumento para entender conceitos abstratos e para executar o raciocínio abstrato. Por isso, assuntos desde os mais cotidianos até as teorias científicas mais sofisticadas podem ser entendidas através das metáforas. Além disso, Lakoff & Johnson rompem com a dimensão estritamente linguística da metáfora colocando em foco a sua dimensão cultural.

Para Smith & Pollio (1990) a teoria que sustenta que a metáfora é um simples ornamento, inútil do ponto de vista conceitual, às vezes capciosa e enganadora para a mente racional, não é mais do que uma herança do racionalismo cartesiano. Segundo essa teoria a metáfora não é conceitualmente útil; quando usada é com o objetivo de enganar o pensamento racional ou de ornamentar ideias prosaicas.

Cohen (1992), por sua vez, afirma que o uso de uma metáfora implica uma conquista de intimidade, entre seu criador e seu apreciador, colocando em primeiro plano aspectos comuns às comunicações: o falante faz um convite o qual o ouvinte não conhece. Em seguida, há um esforço especial por parte do receptor para aceitar esse convite, e por fim a comunidade deve reconhecer essa transação. A questão da intimidade é um dos pontos que Cohen acredita aproximar muito a metáfora da piada. Não há regras que indiquem que se trata de uma

brincadeira, nem existe uma fórmula para explicá-las.

Assim, hoje se considera que a metáfora não é somente um artifício de estilo, mas também está intimamente ligada à fala humana, por vários motivos, dentre eles se destacam quatro principais: 1) é um fator primordial de motivação; 2) é uma fuga para emoções intensas; 3) é um artifício expressivo; 4) é fonte de polissemia e sinonímia.

Abreu (1995) diz que a utilização de metáforas ou comparações na fala cotidiana, no jornal, nas revistas. Esse fato se constata, nas manchetes dos jornais, por exemplo, A economia está na corda bamba, Alexandre Pires está na crista da onda, o governo Lula está com a corda toda, etc., podem ser consideradas como um recurso, uma maneira de dar mais vida ao que se fala, de chamar a atenção do ouvinte, buscando uma imagem que faça parte do repertório deste ouvinte e que possa ser evocada no momento em que ele necessitar compreender seu conteúdo.

Como se pode observar, o sistema conceitual está lexicalizado pelas diversas expressões metafóricas convencionais: as expressões idiomáticas, os provérbios, ditos populares, clichês, frases feitas, etc, cristalizadas na língua, fazendo parte da compreensão cotidiana das experiências do homem e mapeadas no sistema conceitual. A metáfora, então, mantém uma relação intrínseca com a construção ou a produção de sentidos das "teorias populares" (mitos, crenças, etc.), seriam maneiras de construir socialmente experiências a partir de outras que já foram legitimadas. Assim, a metáfora passa a ter uma dimensão cognitivo-pragmática.

Para poder analisar o papel decisivo da metáfora na formação das expressões idiomáticas é preciso conhecer a interrelação existente entre os significados destas unidades fraseológicas e os valores semânticos dos seus componentes. Neste sentido, existem diferentes pontos de vista acerca de se a palavra quando passa a integrar uma unidade fraseológica perde ou não as suas propriedades semânticas próprias, questão que tem sido pouco pesquisada até agora. No entanto, acreditamos que a palavra quando passa a ser componente de uma unidade fraseológica perde a sua característica fundamental, ou seja, perde o significado léxico que antes a caracterizava embora a semântica do fraseologismo e as palavras que o compõem possam manter certos laços mais ou menos distantes.

O processo de metaforização desempenha um papel muito importante dentro da fraseologia, pois é a fonte de formação das unidades fraseológicas. A dessemantização que acontece quando as palavras que compõem uma combinação se metaforizam consiste na perda da função nominativa característica de cada uma delas. Cada palavra não adquire uma nova função nominativa, é a combinação em conjunto que a adquire. Como afirmou Uffmeseva (1977):

A metaforização é o meio de reitor, sob a base da semelhança ou analogia, os traços existentes no reflexo conceptual do objeto designado e no significado da palavra reinterpretada.

Toda reinterpretación metafórica é o resultado da identificação de um objeto concreto A (conceito superficial) com um conceito B (conceito profundo). Na combinação de palavras, cada um dos

elementos perde a sua função nominativa própria, o chamado processo de dessemantização, quando os componentes se metaforizam adquirindo um significado conjunto com as características semânticas e estruturais próprias. Por exemplo, *echar raíces*, em espanhol, é característica própria dos vegetais, mas ao se tomar uma expressão idiomática passa a denominar uma ação própria do ser humano com o significado de por um determinado motivo permanecer definitivamente em algum lugar. A nova função nominativa, isto é, a relação com o objeto A é adquirida pela combinação em total, como expressão do conceito B. Nesse sentido, poder-se-ia deduzir que a metáfora e o mito são duas variedades de um mesmo mecanismo que serve à formação de muitos fenômenos diversos, ou seja, trata-se sempre da tendência fundamental em descobrir parentescos entre os objetos e em uni-los sob um aspecto novo.

Para descobrir o modo de revelação da metáfora nas unidades fraseológicas (neste caso as expressões idiomáticas) é necessário agrupar os tipos de fraseologismos da maneira seguinte:

- os fraseologismos cujo significado aparentemente não têm relação com os significados dos componentes ou não é usual vê-los unidos numa combinação livre.
- as unidades fraseológicas constituídas por elementos com possibilidade de associação em combinações livres, isto é, o significado próprio de cada um dos componentes não é incompatível com o dos componentes contíguos.

No primeiro grupo temos aquelas expressões que se originam sob a base da metaforização do significado integral da combinação como resultado de associações complexas, muitas vezes perdidas no tempo. Por exemplo, *chuparle el rabo a la jirfa*, *estar en curda*, *estar em nota* (espanhol) *matar o bicho*, *tomar um porre*, *encher a cara* (português) com o significado de embriagar-se. No caso da primeira expressão em espanhol desconhecemos a associação metafórica que deu lugar a esse significado e também não encontramos a relação semântica entre ela e os componentes da combinação livre, portanto, não podemos fazer conjeturas acerca de uma possível associação. A expressão *matar o bicho*, segundo uma das versões encontradas, surgiu em 1856 quando uma epidemia de cólera assolou o país e, em 1857, outra de febre amarela. A primeira é transmitida por inseto de um bacilo, portanto, os médicos do tempo aconselhavam, como medida profilática, o uso de bochechos de aguardente de manhã para matar o bacilo (o bicho, no dizer do povo).

Uma outra expressão que poderíamos incluir neste grupo seria *estar por las nubes* (espanhol) significa custar caro, *prego muito alto*; *poner el grito en el cielo* (espanhol), *bolar a boca no mundo* (português) significa manifestar de maneira violenta enfado ou indignação por alguma coisa ou contra alguém. Estas unidades estão formadas a partir da hipóbole de uma imagem determinada que exagera algo de tal maneira que perde a possibilidade de ser real, mas mesmo assim não resulta difícil deduzir o significado, pois a hipóbole é transparente.

A maioria das unidades fraseológicas pertence ao segundo grupo, são aquelas cujo significado está motivado pela existência de uma combinação livre semelhante, onde os componentes podem intervir com o seu sentido direto. Por exemplo, *patas de galinha* (espanhol) *pés de galinha* (português) = rugas que se formam ao redor dos olhos; *barril sin fondo* (espanhol) *sacco sem fundo* (português) = indivíduo que come sem se saciar. Como resultado do seu uso prolongado no sentido metafórico, a unidade fraseológica vai perdendo o seu vínculo genético com a combinação livre.

Nas combinações fixas os componentes aparecem metafóricados em conjunto e, por essa razão, não encontramos nos dicionários o significado isolado de um componente, isto é, como norma geral não podemos falar da correspondência que existe entre as palavras que compõem a unidade fraseológica e as palavras da combinação livre. Aliás, acontece, às vezes, que essa última vai designar uma ação, processo ou estado concreto, enquanto que a unidade fraseológica homônima funciona como característica abstrata de determinadas ações, propriedades, qualidade ou circunstâncias. Um exemplo seria a combinação *andar en patines* (espanhol) *ter ou estar de rodinhas* (português) com as suas duas possibilidades (metaforicamente o significado seria *atuar rapidamente*). Aqui os componentes perdem os semas denotativos individuais. No exemplo *caerle comején al piano* (espanhol) com o significado metafórico de *piorar uma situação ao máximo*, estão ausentes os semas que caracterizariam

especialmente os substantivos *comején* (*comején* = *cupim*), como *inseto e piano*, instrumento musical.

Às vezes, o grau em que se revela a imagem que originou o significado das unidades fraseológicas não é o mesmo, isto é, nem sempre se pode se apreciar sem dificuldade como têm sido criadas as imagens. Por exemplo, *pegar la gora* (espanhol), que significa quando visitamos alguém, no momento em que estão fazendo a sua refeição e, mesmo sem ser convidados para comer, sentamos à mesa. De forma alguma podemos adivinhar a relação semântica entre o sentido direto e o figurado, portanto não se pode deduzir nunca este último do primeiro.

Ao analisar a expressão idiomática *perder los estribos* (espanhol) *perder as estribeiras* (português), percebemos o caráter negativo que poderia se corresponder com o significado da combinação livre, mas não podemos afirmar de modo algum que seja possível deduzir o significado fraseológico do significado direto. No entanto existem outras expressões idiomáticas onde os componentes podem dar alguma pista que nos ajude a deduzir o seu significado. Isto ocorre geralmente nas combinações que designam ações acompanhadas de determinados gestos ou os resultados lógicos desses gestos. Assim temos as combinações *dar la mano*, *tender la mano*, *extender la mano* (espanhol) *dar a mão* (português) no sentido direto e no sentido fraseológico. No primeiro caso, *dar la mano* significa ajudar alguém a realizar uma ação física, portanto a combinação está associada a uma ação concreta. No segundo caso, *dar la mano* também significa

ajudar a alguém, mas a ação perde o sema concreto inerente à ação física. Outro exemplo seria a expressão *quitarse el sombrero* (espanhol) *tirar o chapéu* (português) que no sentido direto denota um gesto de saudação e no sentido figurado demonstra o sentimento de admiração por algo ou por alguém.

Alguns gestos também passaram a ser obsoletos e isto significou a perda do fio condutor que nos poderia levar à compreensão do significado da expressão metafórica. Isso ocorre, por exemplo, com a expressão *lavar-se las manos* (espanhol) *lavar as mãos* (português) que metaforicamente arremeda a ação de Pôncio Pilatos no episódio bíblico do julgamento de Cristo. Iribarren (1956: 192) conta que era um costume de muitos povos antigos lavar-se as mãos na presença do povo para demonstrar que a pessoa era inocente, e estava sendo culpada por um crime que não cometera.

É importante ressaltar que outras figuras de estilo, além da metáfora podem ser utilizadas nas expressões idiomáticas, como, por exemplo, a metonímia (*estricar as carneiras*); a comparação (*enrugado como maracujá de gavela*); etc, todas conotativas. É muito comum, também, encontrar expressões idiomáticas que têm como base semântica uma parte do corpo. Os somáticos possuem toda a potencialidade necessária para criar imagens a partir das funções que cada uma das partes do corpo realiza e também daquelas que o homem, num dado momento lhes atribui. Por exemplo, *ter cabeça*, *tirar da cabeça*, *levantar a cabeça*, *fazer a cabeça*, *deixar na mão*, *meter a mão*, *mão de*

ferro, *abrir o olho*, *estar de olho*, *saltar aos olhos*, *ao pé da letra*, *meter os pés pelas mãos*, *não ter pé nem cabeça*, *estar de braços cruzados*, *dar de cotovelo*, *dar com a língua nos dentes*, *língua solta*, *sentir na pele*, *fazer de tripas corações*, *ser dono do seu nariz*, dentre outras. (Numa pesquisa realizada por Smith et. al. (1981) sobre a linguagem figurada usada num período de 300 anos, o corpo humano destacou-se como a maior fonte de metáforas.

Assim, a metáfora, na perspectiva de Lakoff & Johnson (1980) é o conceito base que organiza a representação da linguagem, mantendo interconexões entre os vários componentes dela e criando uma espécie de teia associativa. Também as expressões idiomáticas se organizariam numa espécie de teia, constituída pelas categorias pragmáticas, e daria conta dos conceitos-base subjacentes à organização do mundo idiomático. Existe, pois, um conjunto de metáforas que estrutura a nossa atividade quotidiana, a nossa maneira de pensar, de ver, de agir, isto é, todas as relações (interiores e exteriores ao próprio sujeito) que o sujeito estabelece com o fundamento social.

No dia-a-dia, sem que se conscientizem disso, muitas pessoas dispõem de metáforas ou comparações na fala cotidiana. Nos jornais, por exemplo, encontramos expressões do tipo, *a economia está na corda bamba*, *estamos nos afogando em problemas*, que pode ser considerado um recurso uma maneira de dar mais vida ao que se fala, de chamar a atenção do ouvinte. Mas, pelo fato de a língua estar intimamente ligada à cultura de cada

povo, dificilmente um mesmo mecanismo de encadeamento de sentidos é usado em línguas diferentes e quando acontece, pode ser fonte de erro, às vezes até engraçados. Por exemplo, *lé marmeladadi*; *voi virar pizza*; *crimes de colarinho branco* (português), *ser um tracaçã, cantar el manisero, estar en nota, estar en carne* (espanhol), *dente outros*. No primeiro caso, em inglês não faz o menor sentido, pois a marmelada não é um doce que faça parte da sua cultura (mesmo que fizesse, talvez não exprimisse a idéia de ser algo combinado previamente, arranjado). Cada língua tem a sua maneira de ver o mundo, e a partir desses olhares brinca com as figuras de linguagem.

As expressões idiomáticas oferecem dados fundamentais sobre a organização conceitual do mundo que nos rodeia. Elas inserem-se no quotidiano e enriquecem as relações que o sujeito estabelece com o mundo e com os outros. O falante as usa na sua experiência adquirida no dia-a-dia, dando mais expressividade à sua linguagem, integrando nos atos comunicativos o seu saber sobre os homens, o povo em geral e a sociedade. Ao exprimir esse saber, o locutor estabelece com o(s) interlocutor(es) um terreno comum, partilhado por ambos facilitando, desse modo, a comunicação.

A força das expressões idiomáticas adém da existência na sua construção de metáforas conceituais que operam sobre o visível, sobre o experiencial e de acordo com a capacidade contínua de criação. Zanotto (1990) argumenta que a metáfora visa ser um fenômeno essencialmente discursivo, no qual o

sujeito encontra o espaço de liberdade ao subverter as regras da língua para inscrever sua subjetividade criativa. Isto quer dizer, que elas aparecem num determinado contexto e, portanto, trazem consigo marcas culturais. A metáfora deve identificar-se facilmente com o resto do sistema léxico e responder aos objetivos para o qual foi criada (para denominar, para acentuar a expressividade, etc.), a comunidade se encarrega de difundí-la.

Considerações finais

A linguagem é uma criação humana, é um fenômeno social, é o espelho de uma cultura, o reflexo de uma civilização: reflete os interesses e as tendências de um povo. Como usuários da língua dispomos de palavras e expressões cujo uso pode contribuir para uma interação positiva. No entanto, frequentemente os membros de uma cultura normalmente pressupõem que a sua maneira de fazer as coisas, de entender o mundo que os cerca, as formas e os sentidos, a distribuição de um padrão na cultura observada é a mesma que na sua cultura nativa, mas na verdade, não é bem assim.

A fantasia criadora linguística fornece muitas vezes relações de significação-imagem, significação ao nível da langue que nem todos compreendem, que são ambíguas ao problema de compreensão, descrição e explicação adequadas de combinação e cooperação dos da sua experiência, da sua sensibilidade para compreendê-las, o que explica o fato de elas não serem entendidas da mesma forma por todas as pessoas.

Como observa Indurhva (apud Zanotto, 1995), (...) a natureza da metáfora, e o como e por que ela permite todos os aspectos da cognição parecem enigmáticos. Em particular, a habilidade da metáfora de criar similaridade onde antes não existia nenhuma parece algo místico, apesar das diversas tentativas de explicá-los cognitivamente.

Sem um estudo da origem das expressões idiomáticas em uso, embora nem sempre possível, apenas arriscaríamos afirmar que no momento de criação de uma expressão idiomática *x*, as razões da escolha de tal expressão e não de outra são mais que arbitrárias e subjetivas. Os idiomatismos são um caso de nomeação subjetiva em que o nome escolhido para integrar uma expressão idiomática manifesta valores expressivos relacionados com o falante e não apenas com uma identificação, por abstração com o objeto.

Assim, a metáfora desempenha um papel importante não só no enriquecimento do caudal léxico, mas também do caudal fraseológico, sendo o processo de metáforização a via principal que nos conduz à formação das expressões idiomáticas e de outras unidades fraseológicas. A eleição das metáforas muito depende das características, fenômenos, costumes mais relevantes de um determinado povo. Elas não permanecem encerradas (fechadas) no âmbito onde se originaram. Uma metáfora expressiva e útil passa de uma língua para outra. O difícil será, quando se trate de criações muito antigas, definir em que língua se criou. Daí, que Bréal (s/d) afirmara:

Nas velhas nações da Europa existe um fundo comum de metáforas devido a uma certa unidade cultural. As nações que chegaram um pouco tarde ao mesmo grau de civilização não tardaram em se apropriar de esse fundo, produzindo tais expressões metafóricas (...).

Em todos os aspectos da vida, não apenas na política e no amor, nós encontramos a metáfora, agimos e estruturamos nossa experiência na base dessas metáforas. De qualquer maneira o aspecto metafórico fixado em estruturas linguísticas de cunho figurado que usamos no dia-a-dia adiciona uma outra dimensão à idéia daquilo que se deseja expressar. As expressões idiomáticas metafóricas podem exercer várias funções desde simplificar a compreensão de um pensamento, simplificar e reduzir a complexidade de uma argumentação até reforçar o que se deseja enfatizar, ironizar ou sugerir sutilmente e que não se ousa pedir ou criticar diretamente.

Este nosso trabalho é só um pequeno esboço que demonstra o papel importante desempenhado pela metáfora na formação das expressões idiomáticas. A metáfora produz saber, não é só apêndice retórico ou embriaguez da razão que esclarece e distingue. O tempo da metáfora é inesgotável, ela não se rende à síntese (Arendt, 1987). Seu próprio sucesso, segundo Bréal, a faz empalidecer tornando-se uma representação da idéia apenas mais colorida que a palavra ou expressão própria.

A metáfora extrapola, assim, o campo da literatura e da linguagem floreada, para aparecer como um elemento estruturador do pensamento humano e das mitologias de cada povo.

Um estudo da linguagem coloquial poderia levar a perceber as matrizes metafóricas de cada língua. Tais matrizes são fornecidas pela cultura e subjazem à linguagem coloquial, porque o falante não percebe que as está utilizando.

Há uma satisfação que a linguagem reserva ao observador: é sentir, ao falar, que alguma metáfora, cujo valor não tinha sido compreendido até aqui, abre-se e ilumina-se subitamente. Constatamos, ainda, o secreto acordo entre nosso próprio pensamento e a velha herança da fala. Enfim, a língua está cheia de metáforas, fazendo-nos, acreditar que uma pesquisa empírica sobre o processo de formação das expressões idiomáticas com o seu ingrediente fundamental, a metáfora, pode trazer novas luzes para o próprio conhecimento e ensino delas na sala de aula, assim como contribuir para esclarecer a sua natureza cognitiva.

A metáfora sempre terá o poder de surpreender por não ser entendida e isso só depende da capacidade interpretativa, da imaginação daquele que a utiliza.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABREU, M. (1995) *Leituras do Brasil*. Porto Alegre: Mercado Aberto/ALB.
- ARISTÓTELES *Arte retórica e arte poética*. Tradução de Antônio Pinto de Carvalho. Coleção Universidade de Bolso/s/d.
- ARITJÚNOVA, N. D. (1978) As funções sintáticas da metáfora. In: *Revista Ivestija SSSR*. T.37, No. 3. Moscou.
- BLACK, M. (1962) *Models and Metaphor*. Ithaca, NY: Cornell University Press.
- _____. (1979/1993) More about metaphor. In: *Metaphor and thought*. NY: Cambridge University Press. Pp. 19-41.
- BRÉAL, M. (1995) *Ensayo de Semántica*. Madrid. In: *DELTA* Vol. 11, No. 2.
- CANOLLA, C. (1997) Resenha de Steen: Understanding Metaphor in Literature: Na empirical Approach. In: *DELTA* 13-1. pp. 147-156.
- COHEN, T. (1992) A metáfora e o cultivo da intimidade. In: SACKS, S. (org.) *Da metáfora*. São Paulo: Educ/Pontes. Pp. 9-18.
- DASCAL, M. (1987) Defending literal meaning. In: *Cognitive Science*. No. 4. Pp 275-304.
- DAVISON, D. (1992) O que as metáforas significam. In: SACKS, S. (org.) *Da metáfora*. SP: EDUC. Pp.35-51.
- GIBBS, R. (1994) *The Poetics of Mind Figurative Thought, Language and Understanding*. New York: Cambridge University Press.
- HASKELL, R.E. (1987) *Cognition and Symbolic Structures: The Psychology of Metaphoric transformation*. Norwood, N.J. Ablex.
- IRIBARREN, J. M. (1956) *El por qué de los dichos*. Madrid: Gredos.
- JAKOBSON, R. (1969) *Linguística e comunicação*. SP: Cultrix.
- _____. (1963) *Essais de linguistique générale*. Paris: Les editions de minuit.
- JOHNSON, M. G. & MALGADY, R. G. (1980) *Toward a Perceptual Theory of Metaphoric Comprehension*. In: Honeck, R. P. & Hoffman R. R. (eds.) *Cognition and Figurative Language*. Hillsdale, N. J. Lawrence Erlbaum Ass.
- LAKOFF, G. & JOHNSON, M. (1980) *Metaphors we live by*. London, Chicago. The University of Chicago Press.
- LAKOFF, G. & TURNER, M. (1989) *More than cool reason. A field guide to poetic metaphor*. Chicago And London: The University of Chicago Press.
- LAKOFF, G. (1993) *The contemporary theory of metaphor*. In: ORTONY, A. (eds.) *Metaphor and thought*. Cambridge: CUP. Pp 202-251.
- LE GUERN, M. (1973) *Sémantique de la métaphore et de la métonymie*. Paris: Larousse.
- LEVINSON, S. (1983) *Pragmatics*. Cambridge: Cambridge University Press.
- MAC CORMAC, E. R. (1985) *A Cognitive Theory of Metaphor*. Cambridge Mass, MIT Press.
- MOLINER, M. (1967) *Diccionario de uso del español*. Madrid.
- NARDI, M.L. (1993) *As expressões metafóricas na compreensão de texto escrito em LE*. Dissertação de Mestrado. SP: PUC.
- NIKLAS, U. (1992) *Language and beyond. The Theory of Metaphor as a Theory of art*. In: *Semiótica* 89 (1/3).
- ORTONY, A. (1979) *Understanding figurative language*. In: *Handbook of Reading Research*. Nova York: Longman.
- _____. (1993) *Metaphor and thought*. 2da. Ed. Cambridge: Cambridge University Press.
- PRAPOTTÉ, W & DIRVEN, R. (1985) *The ubiquity of metaphor*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamin.
- POLLIO, H. R. SMITH, M. K. & POLLIO M. R. (1990) *Figurative Language and Cognitive Psychology*. In: *Language and Cognitive Processes*. 5 (2).
- REDDY, M.J. (1979/1993) *The conduit metaphor: a case of frame conflict in our language about language*. In: ORTONY, A. (org.) *Metaphor and thought*. 2da ed. Cambridge. Cambridge University Press.

- _____. (1993) *Metaphor and thought*. 2da. Ed. Cambridge: Cambridge University Press.
- PRAPOTTÉ, W & DIRVEN, R. (1985) *The ubiquity of metaphor*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamin.
- POLLIO, H. R. SMITH, M. K. & POLLIO M. R. (1990) *Figurative Language and Cognitive Psychology*. In: *Language and Cognitive Processes*. 5 (2).
- REDDY, M.J. (1979/1993) *The conduit metaphor: a case of frame conflict in our language about language*. In: ORTONY, A. (org.) *Metaphor and thought*. 2da ed. Cambridge. Cambridge University Press.